



COMUNIDADES



Mais de 500 pessoas representantes das comunidades emigrantes estiveram presentes no I Congresso Mundial de Redes da Diáspora, ontem, no Porto.

Redes da diáspora procuram “plataforma de cooperação”

EUGÉNIO PERREGIL
Correspondente

Mais de cinco centenas de representantes da diáspora participaram no I Congresso Mundial de Redes da Diáspora Portuguesa sobre a temática “Por uma Visão Estratégica partilhada”, realizado, ontem, no auditório da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, na cidade do Porto.

O evento foi presidido por Marcelo Rebelo de Sousa, presidente da República Portuguesa e contou com a presença do primeiro-ministro António Costa e do ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva e teve como objetivo a criação de numa plataforma “articulada e de cooperação” das redes da comunidade portuguesa espalhadas pelo mundo.

O Governo pretende “avaliar o percurso que foi desenvolvido durante esta legislatura” junto das comunidades, disse ao DIÁRIO, José Luís Carneiro, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas.

A Madeira esteve representada pelo secretário regional da Educação, que tem a pasta das Comunidades, Jorge Carvalho.

O presidente da República,

Marcelo Rebelo de Sousa, apontou como “grande desafio” a colocação da diáspora como “prioridade global” dos residentes em território nacional, revelando que este é o desafio que o “preocupa mais”.

O chefe de Estado vê os portugueses espalhados no mundo como um sinal positivo de integração e profissionalismo. “Há aqui uma luta cultural que é um desafio para a diáspora também tem: explicar aos portugueses que somos muito bons e que uma das razões para isso tem a ver com a nossa presença no mundo”, transmitiu Marcelo na sessão de abertura.

Jorge Carvalho ressaltou, ao DIÁRIO, a importância deste congresso. “É um encontro importante até porque como nós sabemos, grande parte da comunidade emigrante é de origem madeirense, e nalguns países, a maioria tem origem na Região Autónoma da Madeira”.

O governante referiu dois aspectos que reteve do congresso. “O primeiro é de criar pontes, ou seja, um espaço onde possa confluir toda essa diversidade e todas essas diversidades, essas representações importantes e de grande valor”, referiu.

“O segundo aspecto, é o de



D. TOLENTINO MENDONÇA DEIXOU RECEITA PARA “ESCUTAR MELHOR A DIÁSPORA”

criar na comunidade portuguesa, a importância e a consciência dessa mesma diáspora, ou seja, valorizando as nossas comunidades emigrantes, também sensibilizando a comunidade residente, para a importância que estas têm para o país, como dimensão da nossa cultura”, concretizou o secretário regional.

Uma mensagem que converge com a que foi transmitida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva: “Precisamos de cuidar desta diáspora portuguesa que ainda não faz parte de uma agenda de todos portugueses”.

D. Tolentino Mendonça foi o convidado de honra

O Arcebispo madeirense, D. Tolentino Mendonça, convidado de honra deste congresso mundial, dissertou sobre o termo diáspora, para dizer que “oferece hoje possibilidades importantes para o reforço da nossa comunidade nacional, que é uma comunidade feita de comunidades. Constituído uma ferramenta muito relevante de futuro”.

Depois, apelou a uma consciência social e política que importa saudar e sublinhar. Adiantou ainda que a diáspora não é apenas

uma condição existencial, um conjunto de histórias individuais que permanecem, mas é também uma condição cultural que tem de ser reconhecida como tal. O arcebispo referiu que há duas perguntas importantes para reflectir: “De onde vens e onde estás agora”.

Transmitiu que a ideia de diáspora obriga a ir mais longe e olhar para os emigrantes, não apenas como embaixadores da cultura portuguesa, mas como co-protagonistas e co-criadores culturais, que revelam Portugal para além daquilo que já sabemos.

Por fim, D. Tolentino Mendonça que “é necessário introduzir antenas capazes de captar o que é diferente ou já é de diferente” e alertou para outra necessidade premente: “Escutar melhor a nossa diáspora”.

Na segunda parte do congresso decorreram quatro painéis temáticos sobre associativismo, ciência e conhecimento, economia desenvolvimento, cidadania, apoio local e o último sobre a comunicação social.

O encerramento do primeiro congresso mundial da diáspora esteve a cargo de Eduardo Ferro Rodrigues, presidente da Assembleia da República,

MANTER O TRABALHO “SEM PARTIDARIZAÇÃO”

■ O secretário de Estado das Comunidades Portuguesas admitiu “momentos difíceis no percurso”, mas disse que em todos eles foi “possível um trabalho de cooperação entre os serviços do Estado”, e pediu a continuidade desse trabalho, sem partidarização.

“Tem havido circunstâncias difíceis que exigiram muito dos serviços consulares, do parlamento e do Governo, para garantir a presença do Estado português nos momentos de profundas dificuldades em que o que estava em causa era a sobrevivência das pessoas. Nesses momentos, foi possível um trabalho de cooperação entre todos os serviços”, afirmou José Luís Carneiro, no discurso de encerramento do I Congresso Mundial das Redes da Diáspora Portuguesa, que decorreu no Porto.

■ O primeiro-ministro, António Costa, destacou as redes da diáspora portuguesa como uma “poderosa rede global” que o país tem de ser “capaz de articular”, reforçando a “proximidade” com as suas comunidades emigrantes espalhadas pelo mundo.

“Esta aproximação é de extrema importância. O conjunto destas redes [da diáspora] é uma poderosa rede global que temos de ser capazes de articular, desde logo dentro dos novos espaços económicos regionais”, afirmou o chefe de governo português.